

# O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 292



Domingo 24 { Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta } SERIE  
{ Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros } 64.ª

## LITTERATURA.

Fortaleza, 24 de Junho de 1883.

### A RAINHA DA FESTA

A . . .

Eu vi-a, como era bella!  
Encantos mil ella tinha!  
Com sua roupa singella,  
Era da festa a rainha!

Trazia sobre os cabellos  
Uma formosa florinha!..  
Ai, eu bradava baixinho:  
Ella é da festa a rainha.

Seo olhar tão scintillante!..  
Não sei que tristeza tinha:  
Seo sorriso apaixonado  
Dava-lhe um ar de rainha!

Muitas vezes... bem pertinho,  
Por mim passava tão bella!  
Era da festa a rainha;  
Com sua roupa singella.

Uma vez... eu a fectando...  
Ella corou!.. o que tinha!..  
— Talvez sentisse a su'alma  
Enlaceda com a minha!

Ella dançava... na dança...  
Pisava qual andorlha;  
Quando eu ria... ella corava!..  
Quando eu fugia, ella vinha.

Depois fugi de seus olhos;  
Mala deixei a alma minha  
No lugar abençoado,  
Onde ella valsado tinha!

Arronches -- 83.

Virgilio.

### SERENADA.

(MODINHA.)

Meia noite! Talvez inda durmas

Entre as gazes do leito rozado,  
Talvez sonhes sorrindo p'ra os anjos,  
Sem ouvir meo cantar magoado.

Ai! Não durmas assim embalada  
Pelos hymnos das harpas do ceu!  
— Quem na vida amar como eu amo,  
Deve a noite vellar como eu!

Deixa o leito! Vem vêr como a lua  
Inda morna dos seios do mar,  
Para a terra dezata um sorriso  
E p'ras nuvens desprende um olhar!

Vem, mulher, oh! vizão que idolatre,  
Um momento sentar-te ao meo lado;  
Vem, que quero no mar de teu halito  
Afogar o meo triste passado.

. . . . .  
. . . . .

Meia noite! Talvez inda durmas  
Entre as gazes do leito rozado,  
Talvez sonhes sorrindo p'ra os anjos,  
Sem ouvir meo cantar magoado.

17 — 6 — 83.

Epigastro.

## ALBUM DA CRITICA.

### MOTTE.

Fui p'ra Ronche a pé de gallo  
Voltei a pé espalhado.

### GLOZA.

N'uma bestinha de tallo  
A seo Libera alugada  
Nesta semana passada  
— Fui p'ra Ronche a pé de gallo.  
Caramba! Senti aballo,  
Fiquei mesmo esbrugrelhado!  
Diabo!.. Não fui talhado  
P'ra cavalgar fabianas...  
Passei lá duas semanas  
— Voltei de pé espalhado.

Lafite.

§  
Sortes distribuidas pelo impagavel Sa-  
pégado, em casa do illustrado dou-  
ctor Xiquinho Thomaz.

Mestre juiz do direito  
Serás, de Lima Barboza :  
Arranjarás . . . muito geito . . .  
Certa couza bem rançoza !

E os cobres d'um Barão  
Vão para a lua ! Esta é boa ! . .  
E depois . . . p'ra, ram, p'ram, pão !  
Nunca mais volve a canoa !

Serás um J. Domingues,  
Um Quincas bom ; menes máo ;  
Mas falcidades não piogues  
No democrata Plão ! . .

Hás de ser sempre um Girard —  
Marihheiro cavallozo,  
Que vive no Ceará,  
Porco, safado e cebozo !

Capitão baixo do Porto  
Serás, em quanto viveres :  
De todos, terás aborto,  
Do governo dos haveres.

Serás um Mer . . . pedante,  
Typo mais ruim, que já vi,  
Que viverá do restante  
Do buxo de seo Lacy.

Serás do Onze Corueta  
E darás notas de pulos !  
Bazio parece ! Ora peta ! . .  
Dos taes que chamam cangulos !

Charo Estaca de Vazante,  
De Vazante forte Estaca,  
Tú serás, tolo pedante,  
Tú serás, oh ! couza vacca !

Serás maior cachaceiro  
D'esta terra, meo fuão :  
Depois o velho negreiro  
De il fara escrivão.

Serás gerente pichote  
Na companhia — Carril :  
Terás muito chelo o pote,  
De calumnia, couza vil.

Serás Flatho — o cabrocha  
Que uza oc'los da burro,  
Que da mente nunca afroicha  
Da brutalidade o murro.

Serás velhaco assignante,  
Mestre cavallo — Lulú ;  
Para chamar-se tratante  
Si pede licença a tú.

Moça, irás para o Passeio

Derreter-se com rapaz,  
E do povo bem no melo  
Darás um cravo ao teo Braz.

Serás besta, tolo Souza,  
Da calumnia filho amado,  
Alma negra, aonde pouza  
Mais no cento predicado.

Irás toda á noite a praia  
Charo amigo, gordo moço ;  
Mas não si metta na laia  
Das fortunas ! . . Largue o osso ! . .

Serás um Luiz Coelho,  
Profano mesmo de chapa,  
Traste vaco, vil, besbelho  
De serlo terás a capa.

Será o seo Theotonio  
Do Meirinho redactor ;  
E, por arte do demoplo,  
Não tem a algueim — amor.

## SECÇÃO ESPECIAL.

Faça alto lá, seo poeta Murinelly : que  
bagaçada, ou cosseira é esta na bocca do  
estomago de seo ardente craneo ?

Tem fogo, nos dê uma brasa.

Ficamos acreditando ser vossa mercê  
um mesmo inteiro poeta, sem faltar nem  
uma meia solla, depois que nos entrega-  
mos a pachorra de lér aquella sua choca  
Murinellada, que por muito favor e por  
dous gordos carneiros (cobres) teve um  
cantinho na inferior secção da Gazeta do  
Norte.

E quem te metteo isso na cabeça, ra-  
paizinho ?

Que comichão de versos é esta que es-  
tampaste sob o N. 445, na secção —  
Tribuna do Povo no jornal Libertador ?

Encoste e os lêia de novo :

Leitores, muito serios ! . . ouso o po-  
eta :

Scena :

Silencio ! como a França na igualdade  
Marchemos nós na mais sublime idéa !  
A liberdade a redempção do escravo  
Este ponto celeste de epopéa.

Até aqui nos deixou lambendo os bei-  
ços. Vamos adiante.

Dá-lhe ; talento.

É que este quadro de perenes glorias  
Tambem mostra ardente evolução  
Descobre-se o futuro entre as estrellas !  
Gritam sempre o escravo é nosso irmão !

Quem é que *gritaram* ou *grita poeta*?  
V. inda mesmo morando nas *pralhas*, não  
sente *cala-frios* na consciencia?

*N'esta senda de luz e de mil flores*  
*Quem é que no caminho ha de cançar?*!

Bravos do pássaro Camellião!!! Adi-  
ante, rapaz.

*Ninguém que o futuro traz a força*  
*Para a nobre idéa o povo libertar!*

Pobre grammatica.

Isto é gracinha; não é *poeteiro*? Lu-  
chando!..

*Salve o Ceará porque primeiro*  
*Recebeste as palmas do futuro as mãos!*  
*Que gritaste ao Brazil e ao mundo in-*  
*(teiro:—*

*Os Cearenses todos são irmãos!*

Fortaleza, 11 de Junho de 1883.

A. V. Murinelly.

Eis a questão do *poeteiro*, leitores:  
Elle só queria, depois de tanto caceteiar  
o papel, dizer que os Cearenses todos são  
irmãos; embora, porém, deixasse o Ce-  
ará gritando pela metrificacão enquanto a  
sua immensa penna dava botes na pobre  
grammatica!

Oh! caboclo malvado e vendelhão de  
cynismo! até fiado!

Bosnoite, seo homem!..

†

A Zé Lâmbanceiro do Patrocínio.

(Imitação)

*Salve enlourado tribuno*  
*Das turbas agitador!*

A. Bezerra.

Salve?! ridiculo tribuno  
Dos magarefes primor!  
Salve?! panthera ferina  
Inimigo do labor!  
Desde a senzalla a latrina,  
Desde o hotel a vitrina  
Tú furtas, furtas de mais;  
Roubas ao pobre captivo  
O seo pão do linitivo,  
Fera, irmã dos chacaes.

Ergue esta cara maldita,  
Misquinho bajulador,  
Que aos negreiros te abraças,  
Sem decoro, nem pudor.  
Tens em tua alma a fereza  
Que te acompanha e a vileza  
Do tão genio libertino;  
Tú tens materia fecal

Neste teu cranen fatal  
Desnorteado, sem tino.

Avante, troça do povo,  
Couza sem brio e sem luz!  
A inveja que te alimenta  
Tem te egualado ao lapuz.  
O seculo é grande na luta,  
Esquece tua alma polluta,  
Asno, tatanho, maisim!  
Quem furta andrajos ao pobre  
E propalla uma acção nobre  
É cão, é lepra, é Caim.

Ainda bem que por terra  
O povo te vê rolar,  
Capanga de vis negreiros  
Aquem queres te egualar.  
O livro, a essencia do povo  
Só te cauza tanto nojo  
Porque esclarece a razão;  
Entretanto a humanidade  
Que distribue caridade,  
Te cobre de maldição.

Já te acobarda o desprezo  
Que te lançamos, servil;  
Aqui na patria de heroes  
O menor não é tão vil.  
Passou felizmente a era  
Que com cara de panthera  
Procurou-nos esmagar;  
Onde um tyranno apparece  
A liberdade recresce  
P'ra te fazer recuar.

O povo que é soberano  
Ergueo-se um dia e bradou:  
*Vade retro, satanaz,*  
*Ninguem aqui te chamou!*  
Corrêra a canna nas taças,  
N'adega soltas chalassas  
Para illudir a innocencia;  
Aos hynnos da liberdade  
Todos gritam: egualdade!..  
Fora, tú, oh! pestilencia.

Qu'importa que te conjurem  
Calceta de negra côr,  
Se tudo que tens nest'alma  
São podridões, sem valôr!  
Character baixo te ageita  
A logo trazer grilheta  
Que é este o teu brazão;  
Tartufo roto, sendeiro  
E desferçado negreiro  
Qu'abraças a escravidão.

Prosegue na rapinagem  
Salafrario, inditório;  
Roubas a Cruz do Calvario,  
A redemptiva do poço.  
Odeias o nobre heroismo

Que combate o escravagismo  
Dos grandes desta nação.  
Vês que o povo Fluminense  
E Família CEARENSE  
Te qualifica: **LADRÃO.**

Salve?! ridiculo tribuno  
De caracter transgressor!  
Salve?! panthera ferina,  
Inimigo do labor!  
Desde a senzalla a latrina,  
Desde o hotel a vitrina  
Tú furtas, furtas de mais;  
Roubas ao pobre captivo  
O seo pão do linitivo,  
Fera, irmã dos chacaes.

Junho — 83.

Trez Lyras.

†

*O Atheleta.* — Com este titulo, acaba de aliar-se as fileiras do jornalismo Baturiteense, mais um denodado batalhador do Progresso e da Liberdade.

Compriméntamos o collega, assim como também agradecemos a sua prompta remessa.

†

*O Seculo.* — É mais um suspiro do Imortal Obreiro GUTTENBERG, que acaba de surgir n'esta capital.

Promette grandiloco desenvolvimento na vereda immensa dos campiões da Liberdade.

Felia itinerario.

Agradecemos a remessa.

†

*Trez Lyras.* — Fomos ochariciado com um exemplar de poesias sob este epitheto, o que sinceramente agradecemos.

A. Bezerra, Justiniano de Serpa e A. Martins, verdadeiros progenitores d'esta sublime obra, não, de certo, deixará de ser ella, gorsalmente apreciada, e de um lugar occupar no immenso pantheon da Literatura, tendo por sentinellas a harmonia poetica e por ambiente o céu surriozado da Liberdade.

†

O mestre Mané Coco, com a facilidade com que faz, um mão concerto n'um relógio e um *rendez-vus* no bond com suas celeberrimas *meichedeiras*, engolle os sanctos cobres da musica de policia, estas confiado a sua pessoa pela — Benificente Caizeiral — ás despesas dos festejos da gracioza atriz Marieta.

Procedimento ignoante este, é desconhecido por pessoas, que, no seio da seria sociedade, dezejam um ponto, embora porém extravagante, tomar.

Pague a quem deve, e, depois não diga si é ou não Mané —

Coco.

## A PEDIDO.

*Proezas de um Bacho*

ou

*mestre Joan Coêlio*

por

*M. Nabuco.*

O genio pestilencial que de seo lar torna o horripilante covil, onde pobrezinhas creanças, mesmas do sexo masculino, mergulhar a escura onda da desmoralização, *perfumando* o ambiente de seo lar illuditorio pelo miasma da cobardia, faz, sem mais preambulo, e ter ali a apresentação de uma raffra scena haristophanes.

Como si torna accolizado o victima, cedendo que o lobo salcario e ardiloso o conduza ao palco audaz da vergonha e da miseria!

O *bacho*, como a pratica tem mais sobrepujada na batalha do copo, não teme que seja vizivel pelos juizos retos as suas noventas proezas; e estamos acientificado d'isto; visto como o havemos encontrado, ás horas mortas da noite, representando o commando geral dos batalhadores da canna, tam-se horrorosamente abraçado a esta e fugindo de dar-se por conhecido de seus compenheiros.

Depois de servir-se, ou servir ás creanças, tenta desmoralizar a cidadãos que apreciam os seus actos pestilentos, o que lh'o rezulta uma chuva de palavrões, estas que assanham o ninho de vermes que dormitam no profundo de sua infame consciencia.

Acorda, o mizero *bacho*, das somnolencias hibridas da alcoolização, e immensamente arrepiado, diz ser consuel e mais alguma coisa!

O commercio que responde aos feitos de sua possante vida perante a sociedade e a *escurregação* do mercado.

*Continua.*

Ceará, rua da Palma 116—Typ. Americana — Imp. por T. E. de Almeida.